

NATALIDADE E EDUCAÇÃO: A ESPERANÇA DE UM NOVO COMEÇO

Daniela Grillo de Azevedo

Acadêmica do curso em Licenciatura em Filosofia - UFPel
danielagrilloaz@yahoo.com.br

Úrsula Rosa da Silva

Resumo: A preocupação com o mundo e a determinação em entendê-lo, fez com que Hannah Arendt (1906 – 1975) reunisse em sua vida um amplo aparato conceitual a cerca da política. Sua obra é uma resposta aos danos que a Segunda Guerra Mundial causou a ela e ao mundo, é um conjunto de conceitos coerentes, provocadores e reflexivos. Em sua trajetória em honra a política concebeu um conceito que torna-se chave para entender seu pensamento político, o conceito de natalidade, que neste texto o que pretendemos não é senão explicá-lo e fazer relação direta com a educação, já que a natalidade refere-se aos recém-chegados neste mundo e a educação, como não poderia ser diferente, deve acercar-se destes. Os textos de referência são principalmente *A Condição Humana* (1958) e *Crises da Educação* (1961), onde os conceitos chaves discutidos neste texto estão presentes, mas também como aparato introdutório, foi importante a discussão dos conceitos presentes em *Origens do Totalitarismo* (1951). A partir do que Arendt pensa sobre a educação é possível perceber a coerência entre a preocupação com os novos por nascimento e a preservação da política. Assim, o nascimento de novos seres humanos que significa um novo começo, novas ações em virtude de terem nascido, trazem ao mundo a fé e a esperança que são características primordiais do ser humano. Nesta perspectiva, a educação centraliza-se nos aspectos de cuidado, apresentação ao mundo, conservação, responsabilidade e autoridade. Estes são todos pré-requisitos para que o ser nascente possa chegar a maturidade e realizar seu potencial: o novo. É este novo que garante as mudanças no mundo, sem o qual correríamos o risco de nos arruinarmos, de sermos destruídos. Não que isso não possa ocorrer, mas que se até hoje não ocorreu, foi porque novas soluções foram dadas pelas novas gerações. O totalitarismo, para Arendt é grande exemplo do que não prevaleceu. Enfim, educar toma forma de amor. Amor pelo mundo e pelas crianças as quais lidamos. É legitimamente o momento em que mostramos a elas o quanto são importantes. Este trabalho está ligado ao grupo de pesquisa Caixa de Pandora: mulheres artistas e mulheres filósofas do séc. XX vinculado ao Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Pelotas, onde buscamos desenvolver uma sólida pesquisa a cerca de notáveis mulheres pensadoras e que, no entanto, são ou esquecidas no mundo acadêmico-científico ou simplesmente postas como irrelevantes e não-ortodoxas.

Palavras-chave: filosofia, natalidade, educação

1) INTRODUÇÃO

A preocupação com o mundo e a determinação em entendê-lo, fez com que Hannah Arendt (1906 – 1975) reunisse em sua vida um amplo aparato conceitual a cerca da política. Sua arena foram os problemas que denominou públicos, aquilo que afeta o mundo em comum, que perpassa a todos.

O século em que viveu foi palco de diversos acontecimentos determinantes para a história da humanidade e nenhum deles foi de proporções tão marcantes quanto a Segunda Guerra Mundial. Esta guerra, desde sua promoção, desenvolvimento e ruína compôs-se de elementos singulares que a fez grandiosa em consequências no mundo todo, em todos os âmbitos.

A obra de Arendt é uma resposta aos danos que o evento da II Guerra Mundial causou a ela e ao mundo, é um conjunto de conceitos coerentes, provocadores e reflexivos. Pode-se dizer que Arendt ao lidar com o mundo como ele é, nos faz voltar a ele mesmo e ver que não é simplesmente traçando ideais que o melhoraremos: é o conhecendo, o vendo.

Em sua trajetória em honra a política concebeu um conceito que torna-se chave para entender seu pensamento político, o conceito de *natalidade*, que já está presente em sua primeira obra publicada, *Origens do Totalitarismo* (1951) e citado diretamente ou como condição de necessidade para um melhor entendimento nas demais. Neste texto o que pretendemos não é senão explicá-lo e fazer relação direta com a educação, já que a natalidade refere-se aos recém-chegados neste mundo e a educação, como não poderia ser diferente, deve acercar-se destes.

Arendt viveu fazendo jus a seu ensinamento acerca da natalidade: “embora devam morrer (os homens), não nascem para morrer, mas para começar”. (ARENKT, 2007, p. 258). Deu início a outras perspectivas, maneiras de ver e interpretar os fatos, e disso ferramentas para que outros também possam construir algo novo.

Este trabalho está ligado ao grupo de pesquisa Caixa de Pandora: mulheres artistas e mulheres filósofas do séc. XX vinculado ao Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Pelotas, onde buscamos desenvolver uma sólida pesquisa a cerca de notáveis mulheres pensadoras e que no entanto são ou esquecidas no mundo acadêmico-científico ou simplesmente postas como irrelevantes e não-ortodoxas.

2) DESENVOLVIMENTO

2.1) TOTALITARISMO E O EXTERMÍNIO DA LIBERDADE

A tirania que decorre dos regimes totalitários, destrói qualquer manifestação de liberdade. O espaço que antes fora público, com os regimes totalitários como o nazismo e o stalinismo, ainda o é, mas apenas formalmente. Os indivíduos envoltos em seus mundos privados, em suas dificuldades particulares, em suas crenças verdadeiras, compactuam, mas o pacto com o terror não tem volta.

O totalitarismo além de acabar com os espaços públicos, onde os indivíduos podem se manifestar politicamente, destrói igualmente suas vidas privadas; não se é mais alguém com um projeto de vida e uma concepção de bem particular, uma pessoa; se é agora um integrante de um estado total, sua meta de vida é a meta do estado e que depende de todos, da mesma forma. Estão todos numa mesma massa, é uma sociedade de massa, mas todos estão isolados¹.

Não pertencer ao mundo é não possuir a companhia dos outros, vive-se junto, mas não convive-se, não discute-se e não se age em comum. O outro é imprescindível para que haja a esfera comum, pública, política; mas quando do isolamento, esta esfera não existe e este outro para fazer com, estar com e até agir por, também não existe. A companhia uns dos outros para exercer a liberdade não há, assim como o espaço comum, político, de manifestar-se. A liberdade aí não existe e, portanto, nem a política. Não há liberdade política!

Não há o outro, não existe a diferença, não há a pluralidade, assim não há a política e o que dela faz parte, que é a ação e o discurso. Mas os regimes totalitários que Arendt considera acabaram, mas deles ficaram as marcas na memória (e nas cidades, e nos livros, e nos corpos...) e um “fim de história” que proporciona um novo começo, como explica Arendt:

Mas permanece também a verdade de que todo fim na história constitui necessariamente um novo começo; esse começo é a promessa, a única “mensagem” que o fim pode produzir. O começo, antes de tornar-se evento histórico, é a suprema capacidade do homem; politicamente equivale à liberdade do homem. Infinitum ut esset homo creatus est – “o homem foi criado para que houvesse um começo”, disse Agostinho. Cada novo nascimento garante este começo; ele é, na verdade, cada um de nós. (ARENDT, 1989, p. 531).

¹ Na parte III de *Origens do Totalitarismo*, Arendt explica que uma sociedade sem classes, uma sociedade de massas, é uma das principais características viabilizantes do regime totalitário, e uma das consequências é o isolamento do indivíduo, ele não pode agir pois não há quem ajude com ele: *O isolamento é aquele impasse no qual os homens se vêem quando a esfera política de suas vidas, onde agem em conjunto na realização de um interesse comum, é destruída.* (ARENDT, 1989, p. 527).

O homem foi criado para começar, dar inícios e cada vez que nasce um novo ser, esta condição assegura-se. O nascimento, desta feita, passa a ser uma condição de possibilidade para o novo, para novas realizações, que enquanto apenas realizável através de ações, depende da liberdade. Liberdade esta que como diz a autora, equivale à política.

2.2) NASCER, NASCIMENTO, NATALIDADE: A CHEGADA AO MUNDO

Na obra *A Condição Humana* (1958), Arendt faz uma reconsideração da condição humana, uma proposta para que se reflita sobre o que se faz, isso a partir das três atividades humanas que constituem a *vita activa*: o labor, o trabalho e a ação.

Nas palavras de Arendt:

O labor é a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano [...]. A condição humana do labor é a própria vida.

O trabalho é a atividade correspondente ao artificialismo da existência humana, existência esta não necessariamente contida no eterno ciclo vital da espécie [...]. A condição humana do trabalho é a mundanidade.

A ação, única atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que homens, e não Homem, vivem na terra e habitam o mundo. (ARENDT, 2007, p. 15)

As condições mais gerais da existência humana são a natalidade e a mortalidade, o nascimento e a morte, e as três atividades da *vita activa* estão intimamente ligadas a elas. O labor pelo fato de garantir a sobrevivência e a continuidade da espécie humana; o trabalho produzindo artefatos humanos levam constância e solidez à frivolidade da condição mortal da vida e à característica transitória e passageira do tempo humano, e, por fim a ação que tem por finalidade máxima criar e manter a política onde é possível a lembrança, fica-se na história. As atividades da *vita activa* devem construir e resguardar o mundo onde a todo momento chegam novas vidas, irrompendo como estranhos e estes devem ser esperados e cuidados.

Porém, é a ação, das três atividades que mais intimamente relaciona-se com a natalidade:

O novo começo inherente a cada nascimento pode fazer-se sentir no mundo somente porque o recém-chegado possui a capacidade de iniciar algo novo, isto é, de agir. Neste sentido de iniciativa, todas as atividades humanas possuem um elemento de ação e, portanto, de natalidade. Além disso, como a ação é a atividade política por excelência, a natalidade, e não a mortalidade, pode constituir a categoria central do pensamento político, em contraposição ao pensamento metafísico. (ARENDT, 2007, p. 17).

É pelo fato de existirmos com os outros, de vivermos na pluralidade, de não existirmos isolados que as ações são possíveis, a política exige que estejam todos coexistindo.

E pluralidade é fundamental para a ação e o discurso, ela consegue conter ao mesmo tempo a igualdade e a diferença. Igualdade porque os homens pertencem evidentemente a uma mesma espécie que comprehende-se entre si a ponto de fazer planos para o futuro, e diferentes, porque sempre todos os homens foram e serão, assim como são, distintos entre si. “A pluralidade humana é a paradoxal pluralidade de seres singulares”. (ARENDT, 2007, p. 189).

E a distinção entre os homens aparece no discurso e na ação, aí têm a oportunidade de mostrar o que lhes é particular, enquanto seres. E a única forma de um homem deixar de ser humano é abstendo-se da vida entre os homens. Estar entre os homens não é algo imposto pela necessidade e não poder ser condicionado, sua vontade decorre do começo, do nascimento, pois sempre começamos algo novo por nossa própria iniciativa:

O fato de que o homem é capaz de agir significa que se pode esperar dele o inesperado, que ele é capaz de realizar o infinitamente improvável. E isto por sua vez, só é possível porque cada homem é singular, de sorte que, a cada nascimento, vem ao mundo algo singularmente novo. (ARENDT, 2007, p. 191).

O iniciar como sendo uma ação corresponde a um nascimento e o discurso neste contexto é o fato da distinção que efetiva a pluralidade: o homem vivendo como distinto e singular entre os homens, há identidade.

2.3) A ESPERANÇA DE UM NOVO COMEÇO

O processo de vida biológico leva inevitavelmente à morte, porém a ação política é a única atividade humana que pode interferir e interromper o curso da vida cotidiana, biológica.

Arendt nos diz que a vida humana direcionado-se apenas para a morte, destruiria as coisas humanas, mas há o processo de interrupção deste direcionamento, que é a capacidade de iniciar algo novo que é a “faculdade inerente à ação como perene advertência de que os homens, embora devam morrer, não nascem para morrer, mas para começar”. (ARENDT, 2007, p. 258).

Assim, o nascimento de novos seres humanos que significa um novo começo, novas ações em virtude de terem nascido, trazem ao mundo a fé e a esperança que são características primordiais do ser humano, mas que desde a antiguidade relegou-as à importância mínima

e ainda vinculando a esperança a um mal, uma ilusão pertencente à caixa de Pandora. “Esta fé e esta esperança no mundo talvez nunca tenham sido expressas de modo tão sucinto e glorioso como nas breves palavras com as quais os Evangelhos anunciavam a ‘boa nova’: ‘Nasceu uma criança entre nós’”. (ARENDT, 2007, p. 259).

A preocupação não é apenas com o eu, indivíduo, é com o mundo. Esta esperança que carrega a natalidade, em depositar na ação dos recém chegados o novo para o mundo, revela antes de qualquer coisa, a verdadeira fé que Arendt mantinha sobre o futuro. Futuras gerações, futuras ações.

A esperança é que as novas ações políticas poderão levar ao bem comum; isto significa fundamentalmente, a preservação da liberdade, da esfera pública, do respeito às diferenças e à pluralidade.

A barbárie levantada pelo totalitarismo mostra-se pequena diante da capacidade humana de renovar, mas ainda perigosa se suas feridas forem encobertas. Por isso, a natalidade é como uma esperança de um novo começo, inicia porque há um fim, e deve-se preservar lúcido na memória o que proporcionou aquele começo de findou, porque afinal, seguindo a lógica de Arendt, em outras épocas aquele começo era uma esperança.

Nascemos no mundo como ser político, nascemos como promessa de ser novo no mundo, de iniciar e agir porque estamos com os outros.

2.4) EDUCAR: UM AMOR AO MUNDO COMUM

A partir do texto *A Crise da Educação*², Arendt expõe a importância que assume a educação frente ao mundo em que vivemos. E pode-se dizer que para a autora, educar resume-se ao ato de introduzir os recém-chegados, os novos, ao mundo que transitarão e onde serão os responsáveis por todas as mudanças.

É bem verdade que trata-se de um texto escrito nos anos 60 acerca dos problemas de natureza norte-americanos. Porém, a forma como a autora caracteriza a educação e a relaciona com a natalidade é o que por hora parece relevante, visto que traz uma forma de pensar a educação que, quatro décadas depois, e em outro país, a fundamentação teórica pode resultar em relevante discussão e revisão de conceitos.

Arendt entende que a essência da educação é o fato da natalidade, ou seja, o fato de a todo momento vir ao mundo outros seres. Estes precisam ser preparados para inserir-se no mundo que já existia antes deles e continuará a ser, mesmo após suas mortes. É preciso

² In: Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 2007.

uma certa apresentação, inserção dos recém-chegados ao seu lugar de vida. E isto é papel da educação.

Porém, não é papel da educação aliar-se às teorias e vontades políticas e assim iniciar seus novos ideais a partir dos recém-chegados. Esta idéia é na verdade uma intervenção ditatorial dada pela autoridade do adulto quando quer produzir novas realidades como estas já existissem. Este modelo não passa de doutrinação das crianças, e foi o que prevaleceu na Europa. Arendt lembra que a educação não é para a política, pois em política lida-se com seres já educados:

A educação não pode desempenhar papel nenhum na política, pois na política lidamos com aqueles que já estão educados. Quem quer que queira educar adultos na realidade pretende agir como guardião e impedir os de atividade política. Como não se pode educar adultos, a palavra “educação” soa mal em política; o que há é um simulacro da educação, enquanto o objetivo real é a coerção sem o uso da força. (ARENDT, 2007, p. 225).

Cada geração torna-se sempre um mundo antigo para o que são novos por nascimento, e doutrinar uma nova geração para um “novo mundo” é destruir dos recém-chegados suas oportunidades de trazer o novo, ou seja, é destruir o que segundo Arendt é o sentido da natalidade.

Pode-se dizer que a questão principal que permeia a condução das idéias sobre educação de Arendt é: qual o papel da educação para as civilizações, ou seja, qual é o comprometimento que o fato de existir crianças requer de toda a sociedade humana, dos seres humanos?

A educação é uma das atividades mais elementares da vida humana e renova-se sempre, através do nascimento, da vinda de novos seres, estes que virão a ser. A criança como objeto da educação possui um duplo aspecto, são novos seres humanos e são humanos em formação. Trata-se de um relacionamento com a vida e com o mundo. Assim, como todos os outros seres vivos, a criança é um vir a ser, e mais que isso, se ela fosse apenas um ser não concluído, a educação seria uma função da vida e preocupar-se-ia apenas com a preservação.

Mas, os pais humanos além de conceberem as crianças, também são responsáveis pela introdução delas no mundo. Assumem na educação a responsabilidade pela vida e desenvolvimento, mas também pela continuidade do mundo. Introduzi-las no mundo e preservar o mundo não é a mesma obrigação, são responsabilidades que podem chocar-se,

ou seja, a criança requer proteção para que o que é destrutivo no mundo não a prejudique, mas também o mundo requer proteção do assédio do novo.

A proteção é feita pela família, na vida privada, a qual é um escudo contra o mundo e sua publicidade. A exposição ao mundo sem o resguardo da intimidade destrói a qualidade vital da criança.

Assim, se a educação introduz a criança no mundo, este é também papel da escola, mas a escola não é o mundo e não deve fingir ser. É uma transição entre a privacidade e o mundo. Aí os adultos assumem novas responsabilidades que são referentes ao desenvolvimento de qualidades e talentos pessoais. Tais coisas que diferenciam os seres humanos e os tornam não um forasteiro no mundo, mas um ser que jamais esteve aí antes.

Deve-se levar a criança ao mundo aos poucos, a fim de familiarizá-la, para que este novo ser possa ver o mundo como ele é. O educador é quem apresenta este mundo, embora muitas vezes queira que ele fosse diferente. Os jovens são iniciados pelos educadores em um mundo de constantes mudanças. “Qualquer pessoa que se recuse a assumir a responsabilidade coletiva pelo mundo não deveria ter crianças, e é preciso proibi-las de tomar parte em sua educação”. (ARENDT, 2007, p. 239).

Na educação a responsabilidade representa autoridade. Mas autoridade e qualificação do professor não é o mesmo, embora seja preciso qualificação para a autoridade, a qualificação apenas não gera autoridade. A qualificação é conhecer o mundo e poder explicá-lo a outros, mas a autoridade é a responsabilidade que se assume por este mundo. Para a criança, é como o professor fosse a representação de todos os outros adultos a dizer que “este é o nosso mundo”.

Porém a autoridade perdeu seu status (vide os países totalitários que governaram e nada tiveram de autoridade). As pessoas não querem exigir ou confiar a ninguém a responsabilidade de tudo o mais, pois a autoridade legítima está associada à responsabilidade pelo curso das coisas no mundo. Sem a autoridade da vida pública, pode ser que todos desempenhem igual papel pelo rumo do mundo, mas isso também pode ser visto como que as exigências do mundo estejam sendo postas de lado e que se estejam rejeitando toda a responsabilidade (seja de dar ordens e obedecê-las, o que pode ser visto como intenções que estão juntas em um só objetivo). A autoridade recusada pelos adultos significa que eles recusam a assumir a responsabilidade pelo mundo, este ao qual trouxeram crianças.

Na educação, não pode haver ambigüidade na perda de autoridade, as crianças não podem derrubar a autoridade educacional como se fossem oprimidas pela maioria adulta. A perda

de autoridade, assim, manifesta-se com força na esfera privada e a insatisfação com o mundo manifesta-se na recusa dos adultos em assumir responsabilidades frente suas crianças, é como dissésemos: “Não nos sentimos seguros no mundo, desculpem, mas lavamos nossas mãos!”

O conservadorismo, no sentido de conservação, preservação, cuidado, faz parte da atividade educacional, pois deve abrigar e proteger (a criança contra o mundo e o mundo contra a criança). Segundo Arendt, responsabilizar-se pelo mundo é uma atitude conservadora, mas isto só é válido para a educação (relação entre adultos e crianças). Entre iguais (adultos e na esfera política) o conservadorismo não é válido, pois leva a destruição, visto que o mundo é fadado à ruína pelo tempo se não houver seres novos para criar o novo. Arendt (2007, p. 242) cita Hamlet: “O tempo está fora dos eixos. Ó ódio maldito ter nascido para colocá-lo em ordem.”

Educa-se para um mundo que está ou fora ou a caminho do eixo, o mundo é criado pelos mortais e para eles serve de lar por algum tempo. Por ser feito por mortais, desgasta-se e pela transição de seus habitantes, corre o risco de morrer como eles. A questão toda é educar para que seja possível um “por-em-ordem”, a esperança está sempre em cada nova geração e a destruímos se os adultos ditarem aos novos suas aparências futuras. Pelo fato das crianças serem novas e por si só revolucionárias, é que a educação precisa ser conservadora. A educação deve preservar a novidade e introduzir algo novo em um mundo velho, mundo este que por mais revolucionário que seja, para a futura geração já é obsoleto.

Não se trata aqui de resgatar um conservadorismo, mas de ter em mente que é preciso respeitar o passado e guardar o presente para os que estão vindo.

A educação não pode abandonar a autoridade e a tradição, assim como, tanto educadores quanto todos os adultos, devem assumir uma atitude em relação ao jovens e crianças diferente da assumida entre iguais (adultos) e deve-se separar a educação dos âmbitos públicos e políticos.

A questão principal, e que não deve ficar a cargo da pedagogia, é a relação entre adultos e crianças, ou seja, a atitude dos adultos perante a natalidade:

O fato de todos nós virmos ao mundo ao nascermos e de ser o mundo constantemente renovado mediante o nascimento. A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. (ARENDT, 2007, p. 247).

Educar também é o momento em que dizemos que amamos nossas crianças quando não as retiramos de nosso mundo e a abandonamos aos seus improvisos, é quando não lhes tiramos a oportunidade de executar seus potencias de inovações, é quando decidimos preparamos para recebê-las na tarefa de renovar o mundo em comum.

3) CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hannah Arendt não é uma pedagoga, é uma filósofa política, apesar de nunca ter prestigiado o título de filósofa. Suas considerações, como dito desde o início, são considerações essencialmente políticas, de âmbito público. Mas para que, pudesse ser realmente entendida, como qualquer outro bom autor ou boa autora, definiu o que é e o que não é política e a esfera pública, discorreu sobre tais implicações e nisto baseia-se todo o conjunto de sua obra.

O conceito de natalidade mostra-se como a condição de possibilidade da política, pois é a partir dos novos seres que vem ao mundo que a pluralidade é assegurada no âmbito público, onde há a ambigüidade da igualdade e da diferença. Somos iguais em direitos (vez e voz), mas essencialmente diferentes, cada um tem seus projetos de vida particulares e estes devem ser respeitados. Esta ambigüidade é o que faz a política, pois esta é a esfera da discussão, de buscar acordos para as diferenças, de agir e falar. Caso não houvesse o diferente, não haveria a necessidade da publicidade e tampouco discussão, ação.

A partir do que Arendt pensa sobre a educação é possível perceber a coerência entre a preocupação com os novos por nascimento e a preservação da política. Se como dissemos, a condição de possibilidade da política é a natalidade, porque garante o novo e a pluralidade, é coerente que a educação seja pensada sob este aspecto, ou seja, sob o aspecto de que seres novos vêm ao mundo e precisam ser educados.

Nesta perspectiva, a educação centraliza-se nos aspectos de cuidado, apresentação ao mundo, conservação, responsabilidade e autoridade. Estes são todos pré-requisitos para que o ser nascente possa chegar a maturidade e realizar seu potencial: o novo.

É este novo que garante as mudanças no mundo, sem o qual correríamos o risco de nos arruinarmos, de sermos destruídos. Não que isso não possa ocorrer, mas que se até hoje não ocorreu, foi porque novas soluções foram dadas pelas novas gerações. O totalitarismo, para Arendt é grande exemplo do que não prevaleceu.

Enfim, educar toma forma de amor. Amor pelo mundo e pelas crianças as quais lidamos. É legitimamente o momento em que mostramos a elas o quanto são importantes.

4) BIBLIOGRAFIA

- ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- _____. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- _____. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CORREIA, Adriano. *Hannah Arendt*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- MAY, Derwent. *Hannah Arendt – uma biografia*. Rio de Janeiro: Casa Maria Editorial, 1988.
- MORAES, Eduardo Jardim de. BIGNOTTO, Newton. BIGNOTTO, Newton. Totalitarismo e liberdade no pensamento de Hannah Arendt. In: *Hannah Arendt – Diálogos, reflexões, memórias*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- XARÃO, Francisco. *Política e Liberdade em Hannah Arendt*. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2000.